

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PELOS CAMINHOS DA INTERCOMPREENSÃO DE LÍNGUAS ROMÂNICAS: PINÓQUIO NA SALA DE AULA

Autor: Josimar Alves da Silva

Orientadora: Josilene Pinheiro-Mariz

POSLE. Universidade Federal de Campina Grande. josimares@gmail.com

A Intercompreensão de Línguas Românicas, (doravante IC), oferece possibilidades na formação plurilíngue, estimulando os aprendizes a se relacionarem melhor com a língua materna, além de proporcionar o conhecimento para novas culturas partindo da compreensão das línguas irmãs (espanhol, francês, galego, catalão, romeno e italiano). Desse modo, o presente artigo pretende tratar a atividade de leitura em literatura na Educação de Jovens e Adultos (EJA) com um excerto do romance *Le avventure di Pinocchio*, de Carlo Collodi, através de uma proposta metodológica de um ensino intercultural e plurilíngue. Para tanto, para a abordagem da IC, nos fundamentamos em Andrade *et al* (2007), em que a diversidade pode ser reconstruída, Alas-Martins (2014), que se refere ao desenvolvimento da competência de recepção (escrita e oral), em Bakhtin (1993), que nos apresenta a importância da alteridade na relação do Eu-Outro, Cademartori (2012) e Costa (2009;2007), focalizadas na literatura infantil, além de outros postulados que se dedicam ao estudo e ensino da IC e da literatura infantil. Os dados foram analisados através de uma pesquisa-ação com uma turma concluinte da Educação de Jovens e Adultos, do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual, localizada na cidade de Campina Grande, fortalecendo a importância da metodologia da Intercompreensão de Línguas Românicas no ensino da Língua Portuguesa.

Palavras-Chave: Intercompreensão de Línguas Românicas, Educação de Jovens e Adultos, Literatura Infanto-Juvenil, Pinóquio, Sala de aula.

INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte, por isso, entendemos que é capaz de proporcionar ao ser humano uma releitura ou atualização da sua época, além de instigar à fruição estética, à subjetividade, como também o engajamento do leitor nessa atualização. Para tanto, obras e autores têm cativado ao longo dos anos um público que busca sensações diversas, visto que a arte literária também pode dialogar com outras artes.

Nesse sentido, há uma inter-relação inequívoca entre autor, obra e público conforme explicitada por Cândido (2008):

Na medida em que é arte [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três (autor, obra e público) que formam uma tríade indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete sua imagem enquanto criador. [...]. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (CANDIDO, 2008, p.47-48).

Concordamos com a assertiva apresentada pelo referido teórico, principalmente, quando explicita que a literatura pressupõe um jogo

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

permanente de relações entre público, obra e autor, que formam uma tríade indissolúvel, posto que nesse jogo se atribui ao público-leitor a construção de jogos de sentido, nos quais se estabelece a relação entre a obra e o autor.

Sendo assim, compreendemos que trabalhar o texto literário em sala de aula deve passar, sobretudo, por uma postura que o professor deve assumir no sentido de não o trabalhar sem uma preparação teórico-metodológico, para que essa leitura não “caia no lugar-comum”, ou seja, mandar o aluno ler um livro para responder questionário. Segundo Cosson (2012, p. 62), “[...] a leitura escolar precisa de acompanhamento, porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”. Para tanto, é preciso que o professor se lance ao desafio de motivar, levar o aluno a redescobrir a leitura, o debate, bem como estimulá-lo para a escrita de suas concepções do mundo que o cerca.

A literatura infantil tem adentrado nos lares e nas escolas pela função mais pedagógica do que literária, a medida em que focaliza de um modo geral o livro sobre a criança em que o universo posto é mediado na maioria das vezes por adultos. Isto posto, muitas vezes tem sido considerada como uma forma literária menor (PALO; OLIVEIRA, 2006). Oriunda da tradição oral, surge com fins moralizadores, uma vez que a criança era vista como uma projeção do adulto. Com o passar dos séculos as crianças começaram a ser valorizadas na literatura e de acordo com Costa (2009):

O ideal da literatura infantil é fazer com que as crianças unam o entretenimento e a instrução ao prazer da leitura. Portanto, a literatura vem educar a sensibilidade, reunindo a beleza das palavras e das imagens. A criança pode desenvolver as suas capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo, entendimento dos problemas alheios e dos seus próprios; enriquecido, principalmente, as suas experiências escolares, cidadãs e pessoais. (COSTA, 2009, p.117).

Nessa perspectiva, quando pensamos a literatura infantil de Charles Perrault, na França do século XVII e chegamos até Monteiro Lobato, no Brasil do século XX, relacionamos ao processo de leitura. Para Costa (2007, p.99), “[...] o leitor busca com frequência na literatura as perguntas e as possíveis soluções para os acontecimentos, os sentimentos e os pensamentos que o acometem pelo simples fato de estar vivo”. Assim, o leitor-aluno lança-se na narrativa procurando proximidade. Isto posto, utilizamos uma sequência de atividades, com um excerto do romance *Le avventure di Pinocchio*, de Carlo Collodi, em dois momentos, na Educação de Jovens e Adultos, (doravante EJA) que foi desafiador, uma vez que a maioria dos alunos quase ou nunca tiveram contato em sua infância com a literatura, ou a leitura literária. Para tanto, a turma

escolhida da EJA foi à do IV Ciclo que corresponde ao 9º (nono) ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede estadual de ensino, da cidade de Campina Grande – PB, por entendermos que na próxima etapa, estarão no Ensino Médio e assim, serão motivados não só para a leitura em sala de aula, mas também para suas vidas.

O início de uma conversa...

A Intercompreensão de Línguas Românicas (IC), é uma metodologia que permite mover o aprendiz do seu conhecimento cultural para outro que não seja do domínio da sua língua mãe, permitindo uma comunicação efetiva, além da capacidade do reencontro de línguas próximas (italiano, francês, espanhol, romeno, etc). Assim, a IC está ao alcance de todos os aprendizes, por possibilitar os contatos exolingues, ou seja, a troca de comunicação entre línguas diferentes.

Nesse sentido, a IC amplia a capacidade do aprendiz para as línguas diferentes, contudo da mesma família românica que através da aprendizagem integrativa, o aluno pode sair da sua LM para compreender a outra língua, outro universo cultural. Partindo dessa consideração, Andrade et al (2007) nos informa que:

A intercompreensão acaba por ser uma noção que, no repertório didático do professor/educador, mobiliza a preocupação de reintroduzir o sujeito na construção da linguagem, num paradigma crítico-reflexivo, onde esse mesmo sujeito é confrontado com a diversidade linguística e cultural (múltiplos códigos, linguagens, culturas, sujeitos), em contextos simultaneamente locais e globais de comunicação, onde a diversidade pode ser apreendida e reconstruída na relação com o outro. (ANDRADE et al 2007, p.4).

Nessa perspectiva, o discente é posto num confronto diante da diversidade linguística e cultural, permitindo-lhe uma comunicação que vai lhe favorecer no conhecimento de si e do outro, pois segundo Candido (2008), a interação social entre o leitor, a obra e o autor é essencial. Portanto, para desenvolvermos a proposta da IC, torna-se imprescindível realizá-la dentro de uma abordagem plurilíngue.

Para tanto, de acordo com Souza (2013):

No Quadro Europeu de Referência para as Línguas (QECR), o plurilinguismo é caracterizado pela acentuada capacidade de compreensão promovida por um indivíduo quando a sua experiência pessoal expande-se no seu contexto cultural, da sua LM passando pela língua da sociedade em geral até as línguas de outros povos, que podem ser aprendida na escola. (SOUZA, 2013, p.21).

O Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas – QECR (2001), apresenta uma abordagem plurilíngue, focada numa competência

comunicativa em que as línguas possam se inter-relacionar. Assim, o aprendizado pelo plurilinguismo começa pela LM, e se expande pelas demais línguas estrangeiras modernas, levando-nos a comunicação mais efetiva, em que cada sujeito será valorizado em seu contexto.

Assim, a nova proposta didática através da IC, é plurilíngue e intercultural, uma vez que não faz nenhuma distinção de idade, sexo, ou religião, motivando os aprendizes para o intercâmbio, para uma comunicação plural, possibilitando a troca de experiências culturais entre línguas diferentes, mas que são irmãs. Diante do exposto, Alas-Martins (2014) ratifica:

A intercompreensão de línguas românicas não pretende substituir ou concorrer com o ensino-aprendizagem convencional de línguas. No contexto brasileiro, pode sensibilizar para descoberta de diferentes línguas, tipologicamente aparentadas à portuguesa, contribuir para a diversificação do ensino de línguas e fortalecimento das potencialidades dos aprendizes enquanto cidadãos. (ALAS-MARTINS, 2014, p.119).

Portanto, a proposta da IC é inovadora, com vistas ao desenvolvimento do plurilinguismo dentro da sala de aula, bem como a reflexão e a criticidade do próprio aprendiz que se descobrirá e que revelará seu potencial no ensino e aprendizagem da LE românica como outra via de acesso a línguas estrangeiras no ensino básico.

Carlo Collodi e seu boneco de madeira chamado Pinóquio

Carlo Lorenzine nasceu em Florença, na Itália no ano de 1826. Formou-se em Teologia. Adotou o nome artístico de Collodi em homenagem ao vilarejo toscano onde nasceu sua mãe. Começou como jornalista aos 22 anos, participou de duas guerras objetivando defender a Itália. Após esse período tornou-se crítico de teatro em Florença aos 34 anos e a partir dessa experiência começou a escrever textos teatrais, geralmente comédias, traduziu contos populares de Charles Perrault. Carlo Collodi, começou a publicar em capítulos a *Storia di um burattino*, em 07 de julho de 1881, no periódico *Gionale per i bambini*, ele tinha 55 anos, e obteve enorme sucesso. O objetivo de Collodi era de escrever uma história aos jovens com uma leitura agradável e instrutiva. A publicação durou 02 anos, terminando em 1883 e devido ao sucesso a história foi impressa na forma de livro com o título de *Le avventure de Pinocchio – Storia di um burattino*.

Pinóquio é um romance que apresenta um número considerável de personagens, com diversos conflitos, com tempo e espaço demais dilatados. Portanto, a narrativa do boneco de madeira apresenta-se da seguinte forma:



► Protagonista – Pinóquio que é o herói da narrativa.
► Antagonistas – Raposa e o gato, além do Homem do coche.
► Secundários – Mestre Antônio (Cereja), Gigante, Falcão, Menina, Corvo, Coruja, Melro, Peixe. Cachorro.
► Personagens Planos: Grilo falante (tipo, devido as suas características morais).
► Personagens Redondos – Pinóquio, Gepeto, Fada Azul (devido à variedade de características: físicas, psicológica, sociais, ideológicas e morais).
► O tempo é cronológico.
► Espaço (Ambiente) – Apresenta-se de várias maneiras pelas condições socioeconômicas, morais e psicológica.
► O narrador está em terceira pessoa.

No enredo encontramos o mestre Antônio, mais conhecido como Mestre Cereja, por causa da ponta do seu nariz que sempre estava avermelhada. Ele é um carpinteiro e pega um pedaço de madeira para fazer uma perna de mesa, quando é surpreendido por uma voz que sai da própria madeira, o trabalhador pensou que estava louco. Em seguida, ele recebe a visita do amigo, chamado Gepeto que vem solicitar um pedaço de madeira para fazer uma marionete e ganhar dinheiro e ter pão e vinho. Mestre Cereja o presenteia com aquela madeira falante, mas não diz ao amigo o que lhe sucedeu.

Em casa, Gepeto cria o boneco e lhe dá o nome de Pinóquio. Qual sua surpresa ao ver que o boneco fala, movimenta-se por conta própria. A marionete é desobediente e escapa do pequeno quartinho e ganha o mundo. O pobre velho sai a sua procura e quando o ameaça pela postura inadequada é preso. Assim, o boneco está “livre”, retorna para casa sozinho, mata um grilo falante que discorda da postura dele, passa fome e frio.

– Cuidado Grilo agourento! Não me tire fora do sério, porque poderá se arrepender!
– Pobre Pinóquio! Tenha muita pena de você... – Por que tem pena de mim? – Porque é um boneco e, o que é pior tem cabeça de pau. A estas últimas palavras, Pinóquio saltou enfurecido e, agarrando um martelo de madeira que estava sobre o banco, atirou-o contra o Grilo Falante. Talvez não tivesse tido a intenção de machucá-lo, mas infelizmente o martelo foi bater bem na cabeça do pobre Grilo que, sem forças sequer para soltar um cri-cri, ali ficou amassado contra a parede. (COLLODI, 2004, p.19-20).

Quando o pai dele volta para casa, encontra o boneco sem pernas, pois esse ficou na frente da lareira e o fogo devorou. Com todo carinho, mestre Gepeto o conserta e dá orientações para que ele seja um bom menino, inclusive



matriculando em uma escola. Diversas situações surgem, pois Pinóquio não vai à escola e passa por diversos conflitos, inclusive tornando-se um burro. Mestre Gepeto, nunca desiste do seu filho Pinóquio e quando ele sumiu pelo mundo, resolve procurá-lo atravessando o mar e é engolido por um grande tubarão: “E sabem vocês qual era esse monstro marinho? Nada mais nada menos do que o gigantesco Tubarão que tantas vezes foi mencionado nesta história e que por seus crimes e insaciável voracidade foi denominado “Atila” dos peixes e dos pescadores”. (COLLODI, 2004, p.120).

Em todas as travessuras do boneco, há um desejo de se tornar uma criança de verdade, mas de acordo com a Fada Azul, isso só seria possível se ele for um boneco bonzinho, mas ele sempre se revela com rebeldia. Ao final da narrativa, Pinóquio salva o pai, e a Fada recompensa transformando em um menino de verdade dando-lhe ainda uma casa simples, modesta, mas que tem qualidade de vida para os dois.

A Educação de Jovens e Adultos na leitura-literária

De acordo com a LDB (1996), a Educação de Jovens e Adultos em seu artigo 37, nos informa que: “ A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. O parecer do Conselho Nacional da Educação (2000) acrescenta que:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea. (CNE 2000, p.5).

Nessa perspectiva, ao adentrarmos no universo da EJA, os problemas se acentuam, pois, encontramos diversos alunos com faixa etária diferentes, geralmente entre 16 a 60 anos, além de muitos terem deixado/abandonado à sala de aula com intervalos entre cinco a trinta anos. Assim, nos deparamos com um universo de adolescentes e adultos que retornaram para vida escolar em sua maioria com vistas a melhorarem sua vida econômica pelo mercado do trabalho que tem exigido no mínimo a formação do Ensino Fundamental completo para lograr êxito em algumas profissões.

Assim, a partir da IC levamos para a sala de aula um excerto da narrativa de Pinóquio

em língua italiana para despertarmos não só o interesse por outra cultura, mas também para que houvesse o momento



“interior” e “exterior”. (COSSON, 2012). De acordo com Cademartori (2012, p.31), “uma narrativa evolui no sentido de estabelecer, ao final, um ponto de vista, que pode ser da personagem ou do narrador, mas que, de algum modo, será diferente daquele que deu início ao relato”. Nesse sentido, a função da literatura infanto-juvenil no país atualmente, se estendem além da educação formal.

Pinóquio na sala de aula

No primeiro momento, trabalhamos com três aulas, com o tempo de 120 minutos. A atividade consistiu na leitura do texto sobre a narrativa, descobrindo entre os alunos a importância desse gênero no cotidiano, alguns aprendizes tentaram ler imediatamente o excerto e perceberam que não se tratava de um texto em Língua Portuguesa. Aos poucos perceberam palavras e frases próximas a LM. Ao terminarem essa atividade, como se fosse para descobrir um enigma, começaram a ler com o intuito de compreender o que ali estava escrito e que língua era aquela. Em seguida, os alunos leram o excerto, em língua italiana, *Le avventure di Pinocchio*, de Carlo Collodi. Ao final da aula recebemos a atividade para análise e ficamos satisfeitos com o resultado obtido, devido ao empenho de toda a turma contendo 23 aprendizes.

La storia di Pinocchio col Grillo-parlante, dove si vede come i ragazzi cattivi hanno a noja di sentirsi correggere da chi ne sa più di loro.

Vi dirò dunque, ragazzi, che mentre il povero Geppetto era condotto senza sua colpa in prigione, quel monello di Pinocchio, rimasto libero dalle grinfie del carabiniere, se la dava a gambe giù attraverso ai campi, per far più presto a tornarsene a casa; e nella gran furia del correre saltava greppi altissimi, siepidi pruni e fossi pieni d'acqua, tale e quale come avrebbe potuto fare un capretto o un leprottino inseguito dai cacciatori.

Giunto dinanzi a casa, trovò l'uscio di strada socchiuso. Lo spinse, entrò dentro, e appena ebbe messo tanto di paletto, si gettò a sedere per terra, lasciando andare un gran sospirone di contentezza.

Ma quella contentezza durò poco, perché sentì nella stanza qualcuno che fece:

— Crì-crì-crì!

— Chi è che mi chiama? — disse Pinocchio tutto impaurito.

— Sono io! —

Pinocchio si voltò, e vide un grosso grillo che saliva lentamente su su per il muro.

— Dimmi, Grillo, e tu chi sei?

— Io sono il Grillo-parlante, e abito in questa stanza da più di cent'anni.

— Oggi però questa stanza è mia — disse il burattino — e se vuoi farmi un vero piacere, vattene subito, senza nemmeno voltarti indietro.

— Io non me ne anderò di qui, — rispose il Grillo — se prima non ti avrò detto una gran verità.

— Dimmela e spicciati.

— Guai a quei ragazzi che si ribellano ai loro genitori, e che abbandonano capricciosamente la casa paterna. Non avranno mai bene in questo mondo; e prima o poi dovranno pentirsene amaramente.



— Canta pure, Grillo mio, come ti pare e piace: ma io so che domani, all'alba, voglio andarmene diqui, perché se rimango qui, avverrà a me quel che avviene a tutti gli altri ragazzi, vale a dire mi manderanno a scuola, e per amore o per forza mi toccherà a studiare; e io, a dirtela in confidenza, di studiare non ne ho punto voglia, e mi diverto più a correre dietro alle farfalle e a salire su per gli alberi a prendere gli uccellini di nido.

— Povero grullerello! Ma non sai che, facendo così, diventerai da grande un bellissimo somaro, e che tutti si piglieranno gioco di te?

— Chetati, Grillaccio del mal'augurio! — gridò Pinocchio.

Ma il Grillo, che era paziente e filosofo, invece di aversi a male di questa impertinenza, continuò con lo stesso tono di voce:

— E se non ti garba di andare a scuola, perché non impari almeno un mestiere, tanto da guadagnarti onestamente un pezzo di pane?

— Vuoi che te lo dica? — replicò Pinocchio, che cominciava a perdere la pazienza. — Fra i mestieri del mondo non ce n'è che uno solo che veramente mi vada a genio.

— E questo mestiere sarebbe?

— Quello di mangiare, bere, dormire, divertirmi e fare dalla mattina alla sera la vita del vagabondo.

— Per tua regola — disse il Grillo-parlante con la sua solita calma — tutti quelli che fanno codesto mestiere, finiscono quasi sempre allo spedale o in prigione.

— Bada, Grillaccio del mal'augurio!... se mi monta la bizza, guai a te!...

— Povero Pinocchio! mi fai proprio compassione!...

— Perché ti faccio compassione?

— Perché sei un burattino e, quel che è peggio, perché hai la testa di legno. —

A queste ultime parole, Pinocchio saltò su tutt'infuriato e preso di sul banco un martello di legno, lo scagliò contro il Grillo-parlante.

Forse non credeva nemmeno di colpirlo; ma disgraziatamente lo colse per l'appunto nel capo, tanto che il povero Grillo ebbe appena il fiato di fare *cri-cri-cri*, e poi rimase lì stecchito e appiccicato alla parete.

Fonte: http://www.pinocchio.it/Download/Testo_ufficiale_LeAvventure_di_Pinocchio.pdf

No segundo momento, também em três aulas, com o tempo total de 120 minutos, entregamos a cada aluno o excerto novamente de *Le avventure di Pinocchio*, de Carlo Collodi, para que pudessem realizar o estudo do texto contendo quatro questões abertas. As respostas obtidas foram satisfatórias, haja vista o empenho realizado de toda a turma.

Em seguida, abrimos um debate com a turma, sobre a compreensão da leitura do excerto e os alunos responderam que nunca tinham pensado que pudessem compreender uma narrativa em uma língua diferente da LM, sendo especificamente a Língua Italiana. A personagem Pinóquio chamou atenção, uma vez que no excerto entregue ficou evidenciado que assassinou o Grilo-Falante com uma martelada, além de não querer nada com o estudo ou a escola, surgindo assim relatos da comunidade de pessoas que já passaram por essa situação. Para finalizar essa atividade, entregamos o excerto na LM, para que observassem como foram capazes de compreender o que lhes fora proposto através da IC.

Depois dessas atividades, percebemos um maior interesse dos alunos para lerem os textos de outros gêneros textuais, a exemplo de notícias,

receitas, dentre outros, além de participarem mais nas aulas de LM. Assim, os resultados apresentam que a IC, dentro da perspectiva plurilíngue, contribuiu para a leitura-literária, bem como para o estímulo da aprendizagem, por um ensino que focalize uma comunicação mais efetiva, através das atividades de Intercompreensão com excertos ou textos completos, além de melhorar a participação dos aprendizes de uma maneira geral, na turma do IV Ciclo (9º ano do Ensino Fundamental) da EJA, do Ensino Básico, no aperfeiçoamento da Língua Materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula é um lugar para reflexão, bem como é um estímulo aos alunos a encontrarem novas possibilidades. O desafio de realizar a leitura literária através do boneco de madeira, ou seja, Pinóquio com aprendizes da EJA através da IC foi satisfatório, mais ainda por despertá-los para outras leituras, haja vista que após nossa pesquisa os alunos têm solicitado livros de outros autores com outras temáticas para lerem. De acordo com Cademartori (2012, p.53), “Na literatura de hoje, no entanto, referências políticas, sociais, culturais ganham multiplicidade e voltam-se à afirmação da diferença e do lugar do outro”.

Nesse sentido, a IC é um caminho possível, pois revela um confronto saudavel, uma vez que o aprendiz é apresentado aos desafios linguisticos e culturais visando uma comunicação ininterrupta, haja vista que cada sujeito é valorizado a partir da sua LM para a LE e vice versa. *Le avventure di Pinocchio*, de Carlo Collodi, é uma história forte haja vista que apresenta uma série de situações difíceis: assassinato, prisão, hospital, enforcamento, mentiras, ressurreição. Além de nos apresentar a criança no século XIX ligada as suas obrigações sociais de estudar e trabalhar para poder sobreviver. Pensando em nosso século XXI como as crianças, os jovens são educados? E a escola que espaço é esse para elas? Como o professor pode mediar diante de tantos conflitos socioculturais?

Portanto, a IC possibilita aos alunos que conheçam línguas irmãs, mesmo sendo diferentes, mas próximas devido a mesma raiz filológica. Em nossa pesquisa-ação e de acordo com os estudos e postulados teórico-metodológicos ficou evidente que a IC com a leitura-literária na literatura infantil pode ser aplicada em qualquer série escolar, por permitir a pluralidade, o multiculturalismo, mais ainda, o exercício pleno da cidadania revestido pela ética na sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ALAS-MARTINS, S. **A intercompreensão de línguas românicas: proposta propulsora de uma educação plurilíngue.** 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/117/2399>. Acesso 4/6/2015.
- ANDRADE, A. I.; ARAÚJO E SÁ, M. H.; MOREIRA, G.; SÁ, C. **Intercompreensão e formação de professores: percursos de desenvolvimento do projecto ILTE.** 2007. Disponível em: <http://redinter.eu/dialintercom/Post/Painel1/2.pdf> Acesso 20/06/2015.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> Acesso 10/06/2015.
- _____. **Parecer CEB11/2000 - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.** Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Publicada no Diário Oficial da União de 19/7/2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf Acesso 12/07/2016.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 10ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas.** Porto: Asa Editores, 2001.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil.** Curitiba: Ibpex, 2007.
- _____. Marta Morais da. **Literatura Infantil.** 2ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COLLODI, Carlo. **Le avventure di Pinocchio.** Fondazione Nazionale Carlo Collodi, Pescia, 1983. Disponível em: http://www.pinocchio.it/Download/Testo_ufficiale_LeAvventure_di_Pinocchio.pdf Acesso em 10/07/2015.
- _____. **Pinóquio.** Tradução de Monteiro Lobato. 15ed. São Paulo: Editora Nacional, 2004.
- PAIVA, Jane et al. **Educação de adultos: uma memória contemporânea - 1996-2004.** Brasília: Unesco, MEC, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=657-vollejaelt-pdf&Itemid=30192 Acesso em 17/07/2016.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil voz de criança**. 4^aed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ArianeMafra/livrosparatodosnetmariajosepaloliteraturainfantilvozdecrianca> Acesso em 10/07/2016.

SOUZA, R. G. de. **Didática do plurilinguismo: efeitos da intercompreensão de línguas românicas na compreensão de textos escritos em português**. Tese [Doutorado em Linguística Aplicada] – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br